

O PICAPAU AMARELO NAS AVENTURAS DOS TRABALHOS DE HÉRCULES

Sandrelle Rodrigues Costa*
Universidade Federal de Campina Grande

Resumo:

Na obra lobatiana *Os Doze Trabalhos de Hércules*, os personagens do Sítio transpõem-se até a Grécia Antiga para viverem as aventuras. O presente artigo pretende ver como Lobato reconta o primeiro trabalho de Hércules (o Leão da Neméia) e as adaptações que faz neste episódio da mitologia grega para envolver o “bando” do Sítio na aventura. Faremos, portanto, um estudo comparativo dos relatos de Junito de Souza Brandão (1991), no *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*, e de Monteiro Lobato (1944), em *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Utilizaremos também as reflexões de Sandroni (1987) sobre alguns traços definidores do estilo lobatiano.

Podemos afirmar, a partir de algumas reflexões de Sandroni (1987:47-60) sobre os traços definidores do estilo lobatiano, que um dos recursos responsáveis pela coesão dos textos infantis de Lobato é a presença do núcleo básico formado pelos personagens que habitam o Sítio do Pícapau Amarelo. No Sítio, a proprietária e detentora da autoridade é Dona Benta. Principal figura adulta da narrativa, é ela quem fornece as informações e conta as histórias que aguçam a curiosidade e o instinto aventureiro das crianças. Tia Nastácia é a cozinheira e é ela quem faz e reforma Emília. Narizinho e Pedrinho são os netos de Dona Benta, sempre ávidos por conhecimento e aventura. Os demais personagens são: Rabicó, um porquinho muito guloso; o Visconde de Sabugosa, um sabugo cientista de cartola na cabeça; o Conselheiro, um burro falante; e Quindim, um rinoceronte fugido que encontra abrigo no Sítio. Dentre esses personagens, Emília merece destaque. Por ser uma boneca de pano que depois se transforma e vira gente de verdade, ela diz o que pensa sem prender-se a regras sociais impostas pela educação à criança, além de ser uma das principais figuras das aventuras vividas pelos garotos.

É esse núcleo básico, acrescido de outros personagens secundários variáveis, que compõe o universo lúdico e de fantasia de muitas obras de Lobato. Os personagens secundários são, inúmeras vezes, recuperados de outras histórias. Trata-se, pois, de um criativo jogo intertextual. Sandroni (op. cit.) afirma que esta intertextualidade constante permite a reinterpretção ou reinvenção das histórias de cada um dos personagens em novas aventuras ao lado dos habitantes do Sítio do Pícapau Amarelo. Dentre estas obras, podemos citar: *O Pícapau Amarelo*, *Viagem ao céu e Reinações de NariInho*, nas quais os personagens secundários são, muitas vezes, das histórias clássicas européias, do folclore brasileiro, da indústria cinematográfica de Hollywood ou heróis de desenhos animados que vêm visitar o Sítio; *O Minotauro* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*, nos quais, ao contrário das outras obras, os personagens do Sítio transpõem-se até a Grécia Antiga para viverem as aventuras.

Em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, mais uma vez, Lobato dá a Dona Benta a função de contadora de histórias. É ela quem começa a ler para as crianças a história de Hércules, acrescentando informações e retomando *O Minotauro*. São essas histórias que novamente instigam a curiosidade de Pedrinho, Emília e o Visconde, e os levam, através dos elementos mágicos, até a Grécia mitológica.

O presente artigo pretende ver como Lobato reconta o primeiro trabalho de Hércules, o Leão da Neméia, e as adaptações que faz neste episódio da mitologia grega

* Trabalho desenvolvido no projeto de pesquisa do PET - Letras (Programa Especial de Treinamento) da UFCG (CAMPUS I). sob a orientação do Professor Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

para envolver o “bando” do Sítio na aventura. Faremos, portanto, um estudo comparativo dos relatos de Junito de Souza Brandão (1991: 514-543), no *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*, e de Monteiro Lobato (1944), em *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

HÉRACLES: CONCEPÇÃO, NASCIMENTO E VINGANÇA DE HERA

Anfitrião, filho de Alceu, casara-se com sua prima Alcmena, filha de Elétrion, rei de Micenas. Como Alcmena se recusasse a consumir o matrimônio enquanto o marido não lhe vingasse os irmãos, mortos pelo filho de Ptérela, Anfitrião, com a ajuda dos tebanos, invadiu a ilha de Tafos, onde reinava Ptérela. A vitória de Anfitrião foi esmagadora, e este se apressou em regressar a Tebas, ansiando por fazer Alcmena sua mulher.

Foi justamente durante a ausência de Anfitrião que Zeus, com a intenção de dar ao mundo um herói como jamais houvera outro e que libertasse os homens de tantos monstros, escolheu Alcmena, a mais bela habitante de Tebas, para ser a mãe de tal criatura. Sabedor, porém, da fidelidade da princesa, precisou se disfarçar de Anfitrião, narrar todos os acontecimentos da ilha de Tafos, e até trazer-lhe de presente a taça de ouro do rei Ptérela. Foram três noites de um amor ardente.

Ao regressar, Anfitrião ficou muito surpreso com a recepção tranqüila da mulher e ela também se admirou de que o marido já houvesse esquecido as noites de amor. Confuso e ainda mais espantado ficou o filho de Alceu quando ao narrar os episódios da luta contra Ptérela, notou que a esposa já os conhecia. Ao consultarem o adivinho Tirésias, ambos tomaram conhecimento do astucioso plano de Zeus e do adultério de Alcmena. Anfitrião, que tanto lutara por sua lua-de-mel, louco de raiva e ciúmes, resolveu queimar Alcmena viva. Zeus não o permitiu e fez descer do céu uma chuva que extinguiu as chamas. Diante do acontecido, o esposo desistiu do seu intento, e preferiu viver uma longa noite de amor com a esposa.

Depois de tantas noites de amor, Alcmena gerou dois filhos: Hércules, filho de Zeus; e Íficles, filho de Anfitrião. De imediato, a ira e o ciúme de Hera, esposa de Zeus, foi despertado. Ela jamais deixou em paz as amantes e os filhos adúlteros de seu esposo. Mas, apesar de sabedor da raiva de Hera, Zeus arquitetou mais um estratagemas, desta vez para garantir a imortalidade do herói. Afora variantes, uma das versões para este episódio conta que quando Hera adormeceu, Hermes colocou o menino sobre os selos divinos da imortal esposa de Zeus. A deusa despertou assustada e repeliu a Hércules com um gesto tão brusco, que o leite divino espirrou no céu e formou a *Via Láctea*.

Mas o ódio de Hera se perpetuou. Quando o herói tinha oito meses, a deusa enviou contra ele duas serpentes. Hércules, tranqüilamente, levantou do berço em que dormia, agarrou as duas, uma em cada mão, e as estrangulou. Anfitrião, finalmente, acreditou na origem divina do “filho”.

Enquanto neto de Alceu, o filho de Alcmena é chamado também de Alcides, que significa “força em ação, vigor”. Mais tarde, os romanos o batizariam de Hércules.

Hércules sempre se portou, desde cedo, como um indisciplinado e temperamental incorrigível, a ponto de, temendo até pela vida dos mestres responsáveis pela formação do herói, Anfitrião o mandar para o campo, com a missão de cuidar do rebanho.

O rei Creonte, grato por Hércules ter livrado Tebas do exército de Ergino, deu-lhe em casamento sua filha primogênita Mégara. A quantidade de filhos que Mégara e Hércules tiveram varia de cinco até oito, dependendo da versão.

Enquanto isso, Hera preparava tranqüilamente uma grande vingança. Sua primeira investida foi enlouquecer completamente o herói. Nesse acesso de loucura, Hércules matou os próprios filhos. Sobraram desse rompante apenas Mégara, sua esposa, e Iolau, primogênito de Íficles. Recuperada a razão, Hércules, cheio de culpa, repudia Mégara e dirige-se ao Oráculo de Delfos para que Apolo o indicasse um modo de purificar seus pecados. A Pítia, a mando de Hera, ordenou-lhe colocar-se ao serviço de seu primo Euristeu durante doze anos. Existem variantes sobre a submissão de Hércules a Euristeu, mas, em suma, Euristeu, também sujeitado a Hera, impôs ao herói o aparentemente impossível, a execução dos célebres Doze Trabalhos.

Neméia, nome de uma cidade e de um bosque na Arólida, foi o cenário do primeiro trabalho do herói. O Leão da Neméia era um monstro de pele invulnerável, criado pela deusa Hera ou à mesma emprestado pela deusa-Lua, Selene. O monstro passava parte do dia escondido no bosque. Quando deixava o esconderijo, devastava toda a região, devorando os habitantes e os rebanhos. Entocado numa caverna, com duas saídas, era quase impossível aproximar-se dele. Hércules atacou-o a flechadas, mas em vão, pois o couro do leão era invulnerável. Astutamente, fechando uma das saídas, o herói atacou-o com a clava deixando-o tonto e, agarrando-o com seus braços possantes, o sufocou. Com o couro do monstro o herói cobriu os próprios ombros e da cabeça fez um capacete.

UMA AVENTURA COM HÉRCULES: A VISITA DOS HABITANTES DO SÍTIO

(1)

“Na Grécia antiga o grande herói nacional foi Hércules, ou Hércules, como se chamou depois. Era o maior de todos - e ser o maior de todos na Grécia daquele tempo equivale a ser o maior do mundo. Por isso até hoje vive Hércules em nossa imaginação. A cada momento, na conversa comum a ele nos referimos, à sua imensa força ou às suas façanhas lendárias (...).

A principal característica de Hércules estava em ser extremamente forte, extremamente bruto, mas *dotado de um grande coração*. No calor das façanhas muitas vezes matava culpados e inocentes - e depois chorava arrependido (...). - *Coitado! Tinha coração de banana...*” (p. 07).

Esta conversa transcrita acima ocorria no Sítio do Picapau Amarelo, entre Dona Benta e seu neto Pedrinho, que estivera a recordar passagens das suas aventuras na Grécia Heróica, como vem contado no *Minotauro*, de 1939. É dessa forma que Monteiro Lobato inicia *Os Doze Trabalhos Hércules (DTH)*, publicado, posteriormente, em 1944. Nesta obra, Lobato retoma o ambiente da aventura anterior, mais uma vez recorrendo ao pó de pirlimpimpim para transpor o tempo e o espaço até a Grécia Antiga, a fim de, desta vez, recontar a história de Hércules, com a participação dos personagens do Sítio.

É relevante, no entanto, deixarmos dito, que fazendo uso de sua liberdade criativa, apesar de o próprio Lobato fazer referência literal ao *Minotauro*, em *Os Doze Trabalhos de Hércules* ele retoma aventuras e informações com pequenas diferenças quantitativas e situacionais, o que em nada minimiza a qualidade dos dois textos. O fato de os meninos já terem visitado a Grécia Antiga e já terem presenciado um dos trabalhos de Hércules, o da Hidra de Lerna, é inclusive, argumento que utilizaremos para algumas informações não estarem explícitas em *DTH*.

É a partir desta conversa, que Pedrinho tem a idéia de fazer a nova viagem, e apesar dos “nãos” de Dona Benta, a convence a contar a história do herói e faz o

Visconde organizar os preparativos da aventura que contaria com mais um integrante, Emília.

Ao começar a contar a história de Hércules, Dona Benta nada fala das peripécias que Zeus fez para conseguir ter um filho com Alcmena, nem do episódio da serpente que Hera lançou contra Hércules. A hipótese que levantamos é a de que tal informação seja omitida por já ter sido contada em *O Minotauro*. Na obra em estudo, entretanto, Lobato conta como se deu a morte do herói da Grécia, porém, este é fato no qual não nos deteremos.

Gostaríamos de destacar, já iniciando nossa análise comparativa, um fato que certamente diferencia a abordagem de Lobato da de Brandão (1991). Enquanto o relato mitológico vê Hércules como um indisciplinado e temperamental incorrigível, Dona Benta o caracteriza como “dotado de um grande coração” e, como vimos em (1), um “coitado que tinha um coração de banana”. Este aspecto de caracterização de Hércules vai abranger também outro ponto principal, do qual falaremos posteriormente, que é o da avaliação da inteligência do herói.

Após três dias dos preparativos, Pedrinho, Emília e o Visconde partem para a Grécia, utilizando o famoso pó mágico. Já na chegada os problemas de adaptação se estabelecem, e o primeiro a ser resolvido, é o da linguagem. “Em que língua iriam entender-se?”. Como sempre, a “dadeira de idéias”, Emília, resolve o problema:

(2)

“Aplique o faz-de-conta. Faça de conta que nós sabemos grego e eles nos entendem muito bem.” (p. 12)

Assim foi, e graças ao grego faz-de-conta podemos ler e entender as conversas destes personagens perfeitamente. Estes recursos de inventividade, como veremos, permearão toda a obra.

O segundo problema enfrentado pelas crianças é o de encontrar na Grécia heróica o herói que eles conheciam por Hércules. Neste momento, Lobato, através dos conhecimentos do Visconde, já adianta, que em grego ele se chamava Hércles. Apesar desta explicação e de que para o encontrarem, eles precisam perguntar por Hércles, após este ponto da narrativa praticamente todas as referências ao herói são feitas como Hércules. A narrativa mitológica, ao contrário, prefere utilizar em seus relatos o nome de origem grega.

Em certo ponto da história, o próprio Hércules fala da mudança de seu nome, dessa vez referindo-se a mudança de Hércles/Hércules (como Lobato usa) para Alcides:

(3)

“Eu por esse tempo não me chamava Hércules, como agora. Meu nome era Alcides. Foi a Pítia do Oráculo de Delfos quem me trocou o nome e sugeriu a vinda para as terras do rei Euristeu. Esse rei me impôs como penitência a realização de Doze Trabalhos terríveis.” (p. 19)

Neste trecho, temos dois aspectos que precisamos destacar. Primeiro, que esta mudança de nome sugerida pela Pítia não é relatada por Brandão (1991), que, diferentemente, comenta que até a realização dos Doze Trabalhos, o herói deveria se chamar Alcides, pois só se torna Hércles, a “glória de Hera”, após o término de todas as povas impostas pela deusa.

O segundo ponto é que neste trecho Hércules conta de forma fiel como os trabalhos lhe foram impostos. Na seqüência da narrativa Pedrinho ressalta o fato de Hércules ignorar que tanto o conselho da Pítia como os trabalhos que o rei Euristeu iria lhe impor são desmandos da deusa Hera. Neste momento, Lobato demonstra, a partir de um motivo bem emiliano, que seria o de agir em prol dos próprios interesses, ser desnecessário que o futuro interfira no presente. Emília diz:

(4)

“Não deve avisá-lo de coisa nenhuma, pois do contrário ele desobedeceria a Pítia e ficamos impedidos de assistir aos seus trabalhos famosos, O melhor é conservá-lo na ignorância do futuro, mesmo porque ele vai sair vencedor.” (p. 19).

“*E nós matamos o leão...*”

Abordemos, agora, especificamente, o episódio do primeiro trabalho, começando por discutir uma informação de Lobato, ao referir-se ao Leão da Neméia:

(5)

“É um terribilíssimo monstro que caiu da lua.” (p. 13)

Brandão (op. cit.) em seus relatos não menciona que este leão tenha vindo da lua. A única informação trazida por ele que poderia remeter a isto, seria a de que o Leão da Neméia seria ou criado por Hera, ou a ela emprestado pela deusa-Lua Selene. Talvez Lobato tenha utilizado a informação sobre a deusa-Lua e feito esta adaptação para que o episódio ficasse mais interessante para o imaginário infantil.

Ao chegarem ao local da realização do trabalho, nossos três personagens sobem numa árvore para fugirem da ameaça do leão que já havia sentido o cheiro de Pedrinho e Emília, e faminto tentava atacá-los. Logo após isto, começa o enfrentamento de Hércules com o Leão, O herói já começa o ataque de arco em punho, e após tentativas frustradas de perfurar a pele, já dita invulnerável, do leão, começa a interferência dos picapauzinhos:

(6)

“(Emília afirma) - Inflechável! e o *bobo* do Hércules não percebe. Melhor avisá-lo, Pedrinho. Pedrinho botou as mãos em concha e gritou na direção do herói: “Assim, é inútil. Ferro não entra no peito deste leão. É invulnerável... As flechas acertam nele, mas entortam a ponta ou se despedaçam. Abandone o arco e pense noutra coisa.” (p. 15)

A idéia de sufocar o leão, após a tentativa também sem resultados com a clava, parte de Emília:

(7)

“(Emília) Pensou e gritou para Hércules: Atrique-se com ele, Senhor Hércules! Grude-se no pescoço do leão e á apertando até que ele morra de falta de ar. O leão é invulnerável e inamassável, mas talvez não seja inasfixiável...” (p. 16)

Lobato descreve detalhadamente a luta de Hércules com o leão, enfatizando a força do herói, a forma como foi matando o animal, e a participação do bando do Sítio:

(8)

“Pedrinho, Emília e o Visconde ‘torciam’.

Aí, Hércules! Firme, firme!

- Ânimo, Senhor Hércules. Só mais um bocadinho e pronto!”

(p. 17)

Quanto a esta parte da narrativa, a diferença comparativa entre *DTH* e os relatos mitológicos está praticamente na inclusão dos personagens do Sítio no episódio. A seqüência dos instrumentos que Hércules usa para matar o leão é fielmente descrita. O ponto essencial para que explicitemos aqui os recursos diferentes utilizados por Lobato restringe-se ao fato de que a mitologia tradicional descreve Hércules como astuto, esperto, inteligente; enquanto que Lobato, acreditamos que para explicar a participação de Pedrinho, Emília e o Visconde, apresenta o herói grego como um “bobo”, como diz a ex-boneca em (6). Esta descrição se estabelece em muitas outras partes da narrativa:

(09)

“Além de *burrão de nascença*, como todos os grandes atletas, não podia entender aquela história de ‘vir de um século futuro’. (...) E fez a *cara palerma* dos que não entendem o que ouvem.” (p. 17)

(10)

“(Emília diz) A força não tem esperteza, é *burríssima*...” (p. 30)

Esta característica de Hércules é elemento importante no texto, ficando bem nítida a imagem de que os personagens do Sítio eram o cérebro e Hércules a força bruta, assim justificando e destacando a participação deles.

Lobato inclui seus personagens em todos os episódios da narrativa, como na retirada da pele do leão:

(11)

“Pedrinho segurou bem firme as patas dianteiras do leão enquanto que Emília e o Visconde faziam o mesmo das traseiras - e Hércules riscou dum extremo a outro a pele do leão...” (p. 20)

Este recurso faz com que eles não se sintam meros espectadores, mas participantes, responsáveis pelo sucesso das façanhas. Pedrinho em certo momento até diz:

(12)

“... encontramos Hércules e *matamos* o leão da lua...” (p. 22)

Outra característica desta narrativa, que é interessante destacarmos, é uma das muitas facetas da personalidade de Emília que fica explícita: o autoritarismo. Imaginem um herói como Hércules obedecendo cegamente o que Emília, “uma miniatura de menina, cá de três palmos de altura”, dizia.

(13)

“(A certa altura...) Pedrinho riu-se consigo mesmo, como quem diz: ‘A diabinha’ já tomou conta desse massa bruta. já faz dele o que quer...” (p. 27)

E é utilizando a autoridade de Emília, que Lobato faz cada membro da turma ter uma participação nas aventuras do herói:

(14)

“Emília começa a mandar na situação e estabelece a função de cada um: (...) o Visconde fica sendo o seu escudeiro, como aquele Sancho que acompanhava D. Quixote. Sempre há de servir para alguma coisa. Eu forneço as idéias. Pedrinho dá um excelente oficial de gabinete, ou ajudante de ordens. O senhor fica sendo o muque do bando; Pedrinho, o órgão de ligação; eu, o cérebro; e o Visconde, a escudagem científica...” (p. 17)

Outra faceta de Emília, a da irreverência lingüística e das relações além das convenções, demonstra-se também na forma como fala com Hércules. O herói, ao qual no começo ela chamava formalmente de “Senhor Hércules”, como vimos em (8), no decorrer da história ela já trata intimamente por Lelé.

Em vários momentos da narrativa, Lobato inclui instrumentos da realidade da época dos meninos na história que se passa há sete séculos antes de Cristo, bugigangas sempre trazidas na famosa canastrinha de Emília. É o que ocorre, por exemplo, no trecho da retirada da pele do leão, no qual Hércules faz uso do canivete Rodger de Pedrinho e acaba se cortando, quando enfim usa um esparadrapo.

Os próprios personagens, em certo ponto, discutem e questionam as impropriedades de algumas de suas fantasias. Nesse caso, Pedrinho se pergunta como um canivete cortaria a pele de um leão invulnerável:

(15)

“Uma coisa preocupava Pedrinho: como é que, sendo invulnerável, o seu canivete cortara tão bem a pele do leão? Mistério. Emília veio com uma explicação como o nariz dela: ‘É que era canivete Rodger...’. O Visconde apresentou uma idéia mais científica: ‘Invulnerável enquanto vivo; depois de morto perdeu a invulnerabilidade’.

- Mas, sendo assim - lembrou Pedrinho - de nada vai adiantar para Hércules um escudo feito dessa pele, já que a pele morta é vulnerável... Aquele ponto ficou obscuro.” (p. 25)

Os momentos de inventividade em *DTH* são muitos, desde no caso de Emília levar de recordação três unhas do Leão da Neméia, até a descrição de detalhes, que o próprio narrador afirma não serem alvo de interesse dos relatos tradicionais. É o que acontece na história quando se cria a problemática de como curtir o couro do leão.

(16)

“Nas histórias das grandes façanhas estes pequenos detalhes práticos da vida nunca aparecem, e no entanto sem atendê-los convenientemente as grandes coisas se tornam impossíveis. Uma pele de leão tem de ser secada ao sol. Em seguida há que ser curtida, pois do contrário resseca, fica mais dura que pau e não tem utilidade para coisa nenhuma.” (p. 21)

Posteriormente, ao contar a história de sua loucura, Hércules fala de um tal Licos que se apoderou de Tebas e com o qual guerreou. Tal fato não é citado por Brandão (1991). Hércules também conta às crianças que no acesso de loucura matou os filhos, a mulher e quase matava Anfitrião. A tradição mitológica, diferentemente, conta que Hércules matou só os filhos e em nenhum momento inclui Anfitrião neste episódio. Outra diferença, ainda relacionada ao acesso de loucura, está na cura de Hércules, fato que ele atribui a deusa Atenas, que o teria salvado lançando do céu uma grande pedra contra o peito do herói. Por sua vez, Brandão (op. cit) não cita este fato, e, aliás, não explica como Hércules ficou curado.

(17)

“Se a deusa Hera o perseguia, a grande Palas Atenas e outras deusas menores o ajudavam.” (p. 15)

Apesar de em toda a narrativa dos *DTH*, Hércules falar e se valer da ajuda da deusa Palas Atenas, a versão de Brandão (op. cit.) nem mesmo menciona esta proteção.

Disfarçada e acomodada na ficção e na fantasia de seu texto, a pedagogia lobatiana pode ser percebida no trecho em que toda a influência que a turma do Sítio tinha sobre Hércules faz o herói pensar e refletir sobre a necessidade e a importância da educação:

(18)

“Sim, se eram uns brutos (os centauros), isso vinha apenas da falta de educação. Que diferença entre eles e os homens também sem educação? E Hércules, com toda sua burrice, ‘teve uma idéia’, talvez a primeira de sua vida: que é a educação que faz as criaturas.” (p. 39)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O sítio é regido pelo princípio do prazer” (Filho, 1999: 40). Talvez esta frase resuma o que é a matéria-prima dos textos de Lobato: imaginação, fantasia, prazer. Ao publicar, em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, o autor dá um salto qualitativo comparado aos outros que o precederam, pois oferece novos referenciais que, como diz Gouvêa (1999: 14), são centrados no estabelecimento de uma linguagem fundada no fantástico e na imaginação.

Em *DTH*, Lobato não foge aos relatos mitológicos e as diferenças que encontramos em seu texto são justificáveis. Como já disse Sandroni (1991), os problemas são apresentados de maneira simples e clara, de modo adequado à compreensão do leitor infantil. A simplicidade e coloquialismo da linguagem tornam agradável e dinâmica a leitura, atenuando e suavizando as façanhas de Hércules, que sabemos serem originalmente marcadas pela brutalidade e por muitas mortes, o que nesta obra infantil é minimizado pelas outras particularidades da narrativa. Lobato faz o que hoje se chama interatividade, mas que não é nada novo. Em *DTH* não há espectador; o leitor se torna parte do texto ao se projetar nos personagens. Não há, na obra, o herói ensinando à criança, mas uma troca de saberes na qual os personagens do sítio participam da aventura e, por vezes, a questionam. Com isso não estamos negando a força pedagógica presente em muitos textos de Lobato e inclusive exemplificada neste, mas destacando a capacidade de superar isto. É como se Lobato estivesse nos ensinando a “ler” dando asas à imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Junito de Souza (1991). *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 514-543.
- FILHO, Otavio Farias (1999). Rememórias de Emília. In: FILHO, Otavio Farias, CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifos.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (1999). A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliana M. T. [et.al.]. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica.
- LOBATO, Monteiro (1944). *Os Doze Trabalhos de Hércules*. 12 ed. São Paulo: Brasiliense.
- ROCHA, Ruth; LAJOLO, Marisa (1981). *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação.
- SANDRONI, Laura (1987). Monteiro Lobato: o inovador. In: _____. *De Lobato a Bojunga - As Reinações Renovadas*. Rio de Janeiro: Agir.